



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA ISADORA DE FARIAS DUARTE

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: PERSPECTIVAS E
DESAFIOS**

**CAMPINA GRANDE
2022**

MARIA ISADORA DE FARIAS DUARTE

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: PERSPECTIVAS E
DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D812r Duarte, Maria Isadora de Farias.
A Residência Pedagógica em Tempos de Pandemia
[manuscrito] : perspectiva e desafios /Maria Isadora de Farias
Duarte. - 2022.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação , 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva,
Departamento de Educação - CEDUC."

1. Programa de Residência Pedagógica - PRP. 2.
Aprendizagem. 3. Ensino Remoto. 4. Pandemia Covid-19. I.

Título

21. ed. CDD 371.225

MARIA ISADORA DE FARIAS DUARTE

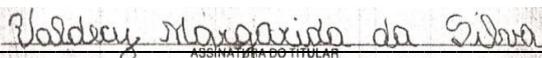
**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: PERSPECTIVAS E
DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

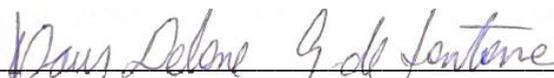
Área de Concentração: Educação.

Aprovada em: 19/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. M^a. Mary Delane Gomes de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, meus irmãos e amigos que
sempre estiveram comigo. DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que deu forças e me sustentou em todos os desafios que venci até chegar o presente momento. Agradeço imensamente por todo carinho e dedicação dos meu pais, que sempre acreditaram em mim.

A minha professora orientadora Dra. Valdecy Margarida, por sua atenção, dedicação e pelo conhecimento construído tanto na Residência Pedagógica quanto nas orientações do TCC.

Agradeço às minhas colegas de Curso, Cícera Farias, Cynara Dantas e Janaina Palmeira, por todo companheirismo, amizade, sorrisos e principalmente por terem sido extremamente importantes em tantos momentos de minha vida.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por cada momento vivenciado os quais me trouxeram grandes aprendizados fundamentais para que eu pudesse me tornar uma educadora

A minha vó, que sempre foi a minha fonte de inspiração, que constantemente me motivou através de seus conselhos e a responsável pela minha escolha de curso, pois vi naquela professora o amor pela educação.

E, especialmente, ao Programa Residência Pedagógica (PRP) e a CAPES, que certamente foi um marco fundamental para minha formação, contribuindo fortemente para o aperfeiçoamento da minha prática pedagógica e para minha identidade enquanto profissional da educação.

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE,1981, p. 79)

Resumo

Este texto trata de um relato de experiência vivenciada no Programa de Residência Pedagógica (PRP), subprojeto Pedagogia/Alfabetização, por uma residente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I - no período da pandemia do CORONA VÍRUS, anos 2020/2021. Nas diferentes etapas do Projeto da Residência utilizamos o Google Classroom, Meet, Google Documento e WhatsApp durante todo o período de realização das atividades. Como não foi possível promovermos nenhum encontro presencial, os contatos mais frequentes se deram pelo WhatsApp. Além da formação em cada módulo, tivemos reuniões com a professora e planejamento. Depois, vivenciamos o período de regência. Observou-se que o descaso do poder público com a escola e os problemas dos alunos ligados à falta de equipamentos e internet prejudicaram o acompanhamento das aulas remotas, bem como o desenvolvimento da aprendizagem. Apoiada nos autores: Mortatti (2006); Soares (2009), Costa Val (2006) e outros.

Palavras-chave: Programa de Residência Pedagógica PRP. Aprendizagem. Ensino Remoto. Pandemia Covid - 19.

ABSTRACT

This text is about an experience report acquired in the Pedagogical Residency Program (PRP), Pedagogy/Literacy subproject, by a resident of the Pedagogy Course of the Paraíba State University - UEPB - Campus I - during the period of the CORONA VIRUS pandemic, years 2020/2021. At the different stages of the Residency project, we utilized Google Classroom, Meet, Google Document and WhatsApp in the whole period of the activities. As it was not possible to promote any face-to-face meetings, the most constant contacts were made through WhatsApp. Besides the training in each module, we had meetings with the teacher and planning. Afterwards, we experienced the period of regency. It was observed that the neglect of the school by the government and the students' problems related to the lack of equipment and internet hindered the monitoring of the remote classes, as well as the development of learning. Supported by the authors: Mortatti (2006); Soares (2009), Costa Val (2006) and others.

Keywords: Pedagogical Residency Program. Learning. Remote Learning. Covid-19 Pandemic.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Encontro remoto para formação e planejamento.....	24
Foto 2 – Releitura da obra dos quadrinhos de Alfredo Volpi	29
Foto 3 – Experimento do milho dançante	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Roteiro semanal	28
----------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	UM POUCO DE HISTÓRIA.....	13
2.1	A metodização do processo de alfabetização no Brasil.....	14
2.2	Conceituando o Letramento	16
2.3	Alfabetizar Letrando	17
3	ENSINO REMOTO	19
3.1	As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação no âmbito educacional	20
3.2	O ambiente virtual no processo de aprendizagem.....	21
3.3	A prática pedagógica e o ensino remoto	22
3.4	O ensino remoto na rede pública.....	23
4	RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - PLANEJAMENTO E REGÊNCIA	25
4.1	As interações com os alunos.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 trouxe uma nova perspectiva no que diz respeito às interações sociais, principalmente no âmbito educacional, fazendo com que surgisse uma nova modalidade de ensino que fosse capaz de se moldar diante da situação atual. Diante deste cenário, todas as atividades referentes ao Programa da Residência Pedagógica (PRP) ocorreram de forma remota, obedecendo às medidas protetivas de saúde de distanciamento social.

Buscamos contribuições teóricas nos pesquisadores Arthur Gomes de Moraes (2005), Magda Soares (2009) e Costa Val (2006), sobre alfabetização e letramento com o objetivo de compreender e contribuir para o avanço do nível de letramento, na leitura e também na escrita dos alunos da turma de 5º ano do Ensino Fundamental I.

O autor José Carlos Libâneo (1992) trouxe aporte acerca da importância do planejamento escolar. Logo, ajudou a construir uma concepção para compreender a relevância da elaboração do plano de ação para as atividades das semanas de regência. Já no livro *Desafios da Educação em Tempos de Pandemia*, Janete Pelú, (2020) discorre sobre os impactos que a pandemia tem causado no ensino, principalmente no ensino das escolas públicas do Brasil.

Assim, este trabalho objetiva relatar uma experiência vivenciada no Programa de Residência Pedagógica em uma escola municipal de ensino do município de Campina Grande, PB, evidenciando as implicações do contexto pandêmico na relação de ensino-aprendizagem.

Portanto, pelos argumentos anteriores, é possível compreender que a justificativa está pautada na importância de apresentar o desenvolvimento da Residência mediante a situação atual. Desde março de 2020 a educação tem tomado novos rumos na intenção de driblar as barreiras trazidas pela pandemia da corona vírus, diante de uma situação atípica, respeitando as ordens de fechamento de escolas etc. Neste contexto, a Residência Pedagógica ocorreu de forma remota. O trabalho foi desenvolvido em formato online com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I na Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Simonsen, na cidade de Campina Grande, PB.

Este artigo, que trata do relato da experiência no PRP, está dividido em 4 tópicos. No primeiro contextualizo os processos de alfabetização e letramento, conceituando os termos e discutindo a importância de se alfabetizar letrando. No

segundo trato das novas tecnologias da informação e comunicação no âmbito da educação. Neste tópico, discuto o ambiente virtual da educação, as práticas remotas no ensino remoto e essa modalidade de ensino na rede pública. No terceiro tópico trato da experiência do planejamento e da regência e no quarto, finalmente, faço minhas considerações sobre a experiência.

2 UM POUCO DE HISTÓRIA

Um dos primeiros registros da educação formal no Brasil foi no período colonial, quando os padres jesuítas tinham o objetivo de converter os índios ao cristianismo. No entanto, apenas no final do século XIX, com a proclamação da República, que a educação passou a ganhar destaque. A escola tornou-se um lugar necessário para a preparação das gerações que viriam atender aos ideais do país republicano.

A leitura e a escrita passaram a ser, então, fundamentos da escola obrigatória, com o ensino sistemático e organizado, visando a aprendizagem e escolarização, distinguindo-se da educação restrita a uma minoria que se dava por meio informal no lar privado ou nas poucas escolas do Brasil Império.

Com as novas concepções acerca da alfabetização, surgiram disputas e questionamentos referentes ao método mais eficaz no processo de aprendizagem. Os avanços nas pesquisas tentavam explicar a dificuldade que as crianças apresentavam ao aprender a ler e escrever.

Segundo o Ministério da Educação, através do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (2001), o debate sobre alfabetização no século XX se define em três períodos. O primeiro período ocorre ainda no início do século onde buscava-se o melhor método de ensino, acreditando que o fracasso escolar se dava pelo uso do método inapropriado.

O segundo momento foi nos anos 60 quando o discurso da alfabetização estava centrado na questão do fracasso escolar. Muitas pesquisas foram realizadas em busca de compreender os motivos das crianças não aprender. A teoria do déficit apontava o aluno como a própria razão do seu fracasso. Já no terceiro momento, por volta dos anos 70, houve uma mudança significativa quanto à forma de se pensar acerca da alfabetização, pois nesse momento os estudos se voltaram para compreender como aprendiam as crianças que conseguiam aprender e o que pensavam aquelas que apresentavam mais dificuldade no processo de aprendizagem.

A partir das contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, através do livro *Psicogênese da Língua Portuguesa* (1985), tornou-se possível observar a alfabetização com um novo paradigma trazendo transformações à prática de ensino considerando principalmente o conhecimento prévio de cada criança, as condições e diferenças das classes sociais a qual os alunos pertenciam.

A alfabetização é um processo importante e complexo que envolve muito além de habilidades cognitivas, motoras e sociais. Esse processo está ligado não apenas a aquisição do código escrito, mas, principalmente, a capacidade de se comunicar, ter acesso a informações e conhecimentos, o que certamente possibilita a participação na sociedade.

2.1 A metodização do processo de alfabetização no Brasil

Paralelamente ao processo de transformações econômicas, políticas, sociais e educacionais do país inicia-se a discussão acerca dos métodos de alfabetização. Assim como afirma Mortatti (2019), a questão do método tem sido pensada no âmbito das políticas públicas afim de provocar mudanças na prática pedagógica que correspondam aos problemas de aprendizagem que passaram a ser observados de acordo com a perspectiva da psicogênese da língua escrita.

Mortatti (2019) afirma que o material de ensino da leitura e da escrita era precário assim como o ambiente escolar, onde utilizavam-se as chamadas cartas do ABC e se fazia o uso de manuscritos de documentos para desenvolver a escrita. Somente no final do século XIX surge no Brasil as primeiras cartilhas, a qual tinha por base o método de marcha sintética, da parte para o todo. Posteriormente, por volta de 1880, o método João de Deus, assim chamado por que esse foi o precursor, estava fundamentado nos princípios da linguística moderna, onde o ensino da leitura ocorria primeiro pela palavra e depois pela análise dos fonemas das letras.

Outro marco importante para a forma de pensar alfabetização ocorreu por volta de 1890, em São Paulo, quando se instaurou a reorganização da Escola Normal e a criação da Escola Modelo Anexa, a qual institucionalizou o jardim de infância que trouxe um novo método de ensinar a leitura, o método analítico, que constava em partir de unidades completas da linguagem, as chamadas historietas, para depois dividi-las em partes menores. O método até então utilizado em São Paulo passou a conquistar espaço em outras regiões só país através de professores que dissiparam nas missões de professores.

A partir da década de 1920, como afirma Mortatti (2019), a utilização do método analítico perde força, dando espaço para métodos chamados de mistos ou sintéticos – analíticos, porém o marco crucial dessa época foi dado por estudos que relativizaram a influência dos métodos no ensino da leitura e escrita. Apenas em 1980, com o

objetivo de trazer mudanças para educação, principalmente no que diz respeito ao fracasso escolar, surgiram novos questionamentos que impulsionaram a desmetodização do processo de alfabetização abrindo caminho para um pensamento construtivista do ensino da linguagem escrita.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2011), através de suas pesquisas, foram grandes precursoras para a mudança de perspectivas acerca da alfabetização. Segundo essas pesquisadoras, a leitura e a escrita são produto de objeto cultural que resulta do esforço da humanidade e principalmente que a criança já constrói as interpretações sobre a leitura e escrita muito antes de iniciarem o processo de escolarização.

Assim, podemos compreender que a criança é um sujeito ativo e possui um papel determinante na construção do seu próprio conhecimento, segundo Ferreiro (2011, p.46) “Desde aproximadamente os quatro anos, as crianças possuem sólidos critérios para admitir que uma marca gráfica possa ou não ser lida [...]”. Portanto, a leitura e escrita são processos que perpassam o âmbito da escolaridade e são produtos não apenas de uma construção sistematizada do ensino, mas que partem concepções previamente elaboradas pelo meio social.

Apesar de todas as pesquisas e estudos na área da alfabetização, uma questão recorrente era e ainda é o fracasso escolar. Se antes discutia-se sobre o melhor método em uso, sintético, analítico, palavração, global, silábico, misto ou as concepções do construtivismo, hoje busca-se não um novo método mas, sim, compreender as razões por trás do fracasso escolar.

De acordo com Magda Soares (2016), a leitura historicamente foi um objetivo de privilégio da alfabetização, pois os métodos e livros até antes dos anos 1980 favoreciam a leitura enquanto a escrita se restringia a cópia e só ditado. Todavia, para Soares (2016), essa não seria a única justificativa para o fracasso escolar:

Embora não se possa atribuir a uma só causa a persistência de problemas e controvérsias em torno de métodos de alfabetização, já que vários fatores relacionam-se com a questão, uma explicação prevalece sobre outras possíveis: métodos de alfabetização têm sido sempre uma questão porque derivam de concepções diferentes sobre o objeto da alfabetização, isto é, sobre o que se ensina quando se ensina a língua escrita. (SOARES, 2016, p. 25)

A história do insucesso dos métodos no Brasil, que ocasionou também o fracasso nos anos iniciais, finais e no ensino médio, alcançou altos índices de alunos

que possuíam pouco domínio da língua escrita, dando margem ao surgimento da população semianalfabetos ou analfabeto funcional, os quais são resultados de uma sequência de questões, mas principalmente derivada das concepções inadequadas acerca do objeto de ensino e aprendizagem.

2.2 Conceituando o Letramento

De acordo com Soares (2009), a palavra letramento surge da língua inglesa literacy: litera + cy (letra + qualidade, condição ou estado), condição de ser letrado e enfim chegando a concepção de letramento: letra + mento (letra + resultado de uma ação) portanto, resultado da ação de ser letrado.

Magda Soares (2009) afirma, também, que quando surgem novas situações, novas ideias ou novos fatores, palavras são criadas para atender as necessidades emergentes da atualidade, não diferente se apresenta o termo letramento que ainda não se encontrava nos dicionários, deixando oculto o seu significado.

Segundo Kleiman (2005), uma das grandes objeções no ensino da língua escrita está inteiramente relacionada a ligação que é feita entre a aprendizagem e o método utilizado. Com isso, toda nova concepção no que concerne a alfabetização é interpretado como método, e foi o que ocorreu com o letramento, um termo que chega para corroborar o processo de aprendizagem.

Letramento e alfabetização são termos distintos, mas que se complementam. Kleiman (2005) afirma que alguns pesquisadores discordam do uso do termo letramento afirmando que esse subtende-se a alfabetização. No entanto, recentemente o letramento têm adquirido significado também referente à linguagem não verbal. Diferentemente da alfabetização, esse novo termo não requer uma sistematização, pois, é possível aprender também através da observação.

O letramento não é um método, em concordância com Kleiman (2005), tampouco uma habilidade sobretudo porque quando compreendemos o real sentido desse termo torna-se possível observar que as capacidades implícitas perpassam os ensinamentos do âmbito escola.

Algumas definições no que se refere ao termo letramento, segundo Soares (2009), consideram a leitura e a escrita como sendo a mesma habilidade, desprezando as características específicas de cada uma. Por outro lado, quando alguma outra definição elucida as diferenças entre leitura e escrita, acabam

inclinando-se a privilegiar as características de uma ou de outra, desconsiderando que o letramento envolve os dois processos. Por isso podemos interpretar que o significado do letramento é completo, envolve não apenas a capacidade de utilizar a linguagem escrita.

Assim, torna-se necessário perceber que “[...] letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.” (SOARES, 2009, p. 44). O letramento é o que permite a interação com diferentes gêneros, tipos e funções da leitura e da escrita que se apresentam em cada espaço de envolvimento social. Kleiman (2005) revela que através do letramento conseguimos, ao ler um jornal, identificar as manchetes, podemos achar determinado tipo de notícia ou localizar as informações mais importantes, isso porque essa prática social envolve outros conhecimentos os quais não possuem associação com a leitura.

A linguagem, seja oral, escrita ou não-verbal, é uma prática social e cultural, o que faz dela uma representação dinâmica do meio pelo qual podemos construir significados importantes. Por conseguinte, o letramento é um processo que contribui para o desenvolvimento das capacidades de utilização do sistema da língua escrita que está imersa nas diferentes esferas da prática social.

2.3 Alfabetizar Letrando

Assim como em outros âmbitos da vida social, a linguagem sofre alterações ao longo do tempo, influenciada por mudanças culturais, políticas e por fator histórico. Surge, então, novos termos, palavras e até mesmo novos sentidos são atribuídos a textos, exigindo assim uma interpretação adequada a cada contexto. A alfabetização e o letramento foram conceitos historicamente estudados e ressignificados em busca de atender as novas demandas de uma sociedade em constante desenvolvimento.

Segundo Soares (2009), desde os tempos do Brasil Colônia até hoje, lidamos com a questão de pessoas que não aprenderam a ler e escrever, chamadas de analfabetos. Todavia, é importante ressaltar que mesmo com toda evolução no processo de educação e a baixa nos índices de pessoas analfabetas, uma outra questão de levanta: então ensinar a ler e a escrever não é suficiente.

Se antes a preocupação estava em alfabetizar, agora passou a ser com aqueles que estão alfabetizados e, no entanto não conseguem compreender e nem fazer uso da língua escrita. É exatamente nesse momento que o letramento evidencia

o seu significado, a importância de interpretar as diferentes representações da língua escrita. Desse modo, percebemos que não é de fato suficiente ensinar a ler e escrever, mas sim alfabetizar dentro de uma perspectiva que promova interação com situações reais de prática social.

Outro ponto importante destacado por Kleiman (2005) acerca do processo de alfabetização e letramento é o papel do professor, chamado pela autora de agentes do letramento que demanda, primordialmente, identificar o que os alunos sabem, conhecer o grupo e posteriormente promover ações que desenvolvam o conhecimento e as representações sobre o uso da escrita

3 ENSINO REMOTO

Paulo Freire (1996) discorre acerca do papel do professor revelando uma ótica quanto à maneira do ensino, o qual deve promover uma ação transformadora onde educador e educando têm suas experiências e criatividade valorizadas.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p. 12)

Podemos perceber que o desenvolvimento escolar e a formação do indivíduo estão além do desempenho em aprender os conteúdos. A aprendizagem não é um processo que se restringe ao educando, mas sim uma construção simultânea e gradativa resultante da correlação entre docente e discente. Assim, Freire (1996) nos faz refletir acerca do novo desafio que foi lançado a todos os professores do país: promover uma educação de qualidade buscando a construção de um cidadão ético, crítico e autônomo, em meio às adversidades decorrentes da pandemia.

A portaria do Ministério da Educação N° 343 de 17 de março de 2020 decretou a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais durante a pandemia do Corona vírus. Exigindo, assim, nos últimos dois anos que os educadores tivessem que se adequar e proporcionar ambientes de aprendizagem promovendo o desenvolvimento da educação das crianças em meio a uma crise sanitária mundial. Com o distanciamento social, motivado pelo avanço da pandemia, foi necessário buscar uma solução que pudesse minimizar os impactos causados na educação pela falta de aulas. Assim, o ensino remoto trouxe novas perspectiva e questionamentos a se pensar sobre educação.

A utilização de meios digitais na prática pedagógica da comunidade escolar teve que considerar todo o contexto da atualidade, principalmente os desafios impostos pelo não acesso a aparelhos digitais ou pela falta de costume com o uso de novas plataformas digitais. Diferente da EAD, uma modalidade que é estruturada e pensada para assegurar a educação a distância, o ensino remoto é uma saída emergencial de curto prazo onde se busca a aplicação das atividades presenciais por meio de plataformas.

A modalidade remota viabiliza um ensino diferente dos que podemos ter acesso em alguns aplicativos ou até mesmo em sites. Além de permitir o acesso síncrono e assíncrono, o ensino remoto atende às características e realidade de cada escola.

A metodologia utilizada nas aulas também apresenta um fator determinante quanto ao desenvolvimento dos alunos. As aulas dinâmicas e bem planejadas são capazes de dispersar o interesse na busca do conhecimento. É importante compreender, também, que o ambiente virtual oferece conhecimento e entretenimento constante, isto pode ser usado a favor do aprendizado escolar, principalmente se for conduzido por um profissional da educação.

No entanto, a utilização desses meios tecnológicos requer o manuseio adequado, o que ainda é um problema para muitos educadores. Embora muito se fale sobre o uso das TICs na educação, isso exigiria uma formação sobre a mesma que na maioria dos casos não foi suficiente para preparação efetiva em lidar com as TICs no âmbito educacional. Em meio a uma situação desafiadora que vivenciamos, os educadores de todo país buscam desempenhar a tarefa de desenvolver o processo de aprendizagem face a uma crise sanitária mundial.

3.1 As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação no âmbito educacional

Após a revolução industrial que transformou o modo de vida da sociedade, a comunicação, a informação e tecnologia se tornaram os três pilares que definem o desenvolvimento mundial nos tempos atuais. É notório que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) trouxeram novas maneiras de pensar e conviver coletivamente. O trabalho e educação são os dois campos onde podemos observar claramente o reflexo da transformação que vivenciamos.

José Carlos Libaneo (2011) assegura que a escola é o principal espaço que deve proporcionar o desenvolvimento das capacidades intelectuais e cognitivas face às exigências e questões da atualidade. De acordo com o pesquisador:

Outro posicionamento decorrente da análise do impacto das NTICs na educação é o de descartar o papel da escola na sociedade informacional. Numa sociedade caracterizada pela multiplicidade de meios de comunicação e informação, não teria lugar para a escola convencional, a escola do quadro-negro e giz. (LIBANEO, 2011, p. 63)

Esse novo modelo de educação está diretamente envolvido no processo de globalização bem como na modificação do trabalho, no perfil do trabalho, nas relações interpessoais e no uso de tecnologias digitais. Assim, pensar na educação distante desses aspectos mencionados acima é negligenciar o papel da escola frente as demandas sociais e desfavorecer também os alunos quanto as oportunidades de conhecimento.

O conhecimento referente às mídias digitais, a comunicação e uso dos meios de comunicação e informação, segundo Libâneo (2011), é papel proeminente do professor, fazendo assim com que seus alunos possam construir uma reflexão crítica acerca da sua atuação na sociedade.

3.2 O ambiente virtual no processo de aprendizagem

Segundo Borba e Penteadó (2015), o uso de Tecnologias Digitais (TD) não representam uma saída para os problemas educacionais, muito menos representa um perigo. Os autores acreditam que a utilização de TD significa uma transformação na prática pedagógica e ressaltam a importância da mesma para o exercício da cidadania “como parte de um projeto coletivo que prevê a democratização de acessos a tecnologias desenvolvidas por essa mesma sociedade” (Borba; & Penteadó, 2015, p. 17).

Especialmente na modalidade de ensino remoto, as possibilidades de comunicação e aprendizagem via internet podem ser aproveitadas por professores, principalmente quando pensamos nos recursos tecnológicos que possibilitam as atividades síncronas e assíncronas. A aula síncrona é aquela que ocorre em tempo real, que necessita de uma ferramenta de conexão e acompanhamento simultâneo, já a aula assíncrona acontece sem a interação em tempo real, permitindo que os alunos estudem independente do tempo e local.

É relevante considerar que o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA) deve garantir ao aluno subsídios para que este possa ser protagonista na construção do próprio conhecimento. Como afirma HACK (2017), para que o aluno possa alcançar os objetivos e desenvolver aprendizagem o professor deve, em seu planejamento, considerar algumas características primordiais do ambiente virtual para o desenvolvimento do aluno, são elas:

- acessar os textos que compõem a página de apresentação da disciplina e de cada tópico;
- administrar certos aspectos do layout do AVEA;
- visualizar espaços que funcionam como murais de notícias e novidades;
- participar de fóruns de discussão;
- realizar avaliações online e offline;
- colaborar com as outras pessoas indicando materiais;
- organizar calendários, agendas ou cronogramas de atividades;
- participar de salas de bate-papo – ferramenta que permite a troca de mensagens entre os membros da turma de forma síncrona;
- enviar mensagens;
- acessar pastas virtuais com o material didático do curso. (HACK, 2017, p.29).

Borba (2012) afirma que as tecnologias digitais (TD) oferecem possibilidades para mudar a educação de forma presencial ou online. No entanto, nota-se que o professor tem o papel determinante no sentido de escolher as estratégias coniventes as características das crianças que fazem parte dessa era digital.

3.3 A prática pedagógica e o ensino remoto

O ensino emergencial surgiu repentinamente com o objetivo de tentar amenizar os danos que a educação sofreu durante a pandemia. Inicialmente esse ensino resumia-se a aulas gravadas ou ao vivo através de plataformas online. Logo depois, com o surgimento das necessidades específicas dos educandos e do próprio educador, essa modalidade foi se moldando para atender as necessidades dos discentes, como pouco acesso a internet, falta de aparelho e as dificuldades provenientes do cenário, que exigiu do professor uma flexibilidade na prática pedagógica.

Os professores, tampouco os alunos, em sua maioria, não possuíam material ou suporte pedagógico que fossem mediados pela tecnologia para subsidiar a nova modalidade de ensino. No entanto, o cenário atual da educação careceu de uma prática pedagógica que buscasse assegurar uma educação de qualidade e garantir o direito primordial do indivíduo: a educação.

Durante a efetivação dessa nova maneira de conduzir o ensino via plataformas digitais, o trabalho do docente foi em alguns momentos comparados ao do tutor da educação a distância que segundo Dauari é quem:

[...] assume o papel de um guia do aluno. É ele quem fica encarregado de realizar o acompanhamento completo do estudante diante dos conteúdos

apresentados pelo professor, tirar todas as suas dúvidas e também comunicar com o professor sobre dúvidas que estão frequentes nas aulas (DAUARI, 2017).

[...] na educação presencial quanto à distância, o professor é o produtor do conteúdo, agindo como um construtor ativo da formação da sociedade. Cria diversas atividades para reflexão, produzindo ou reproduzindo conteúdo, pois ele é um constante pesquisador, apoiando sua resolução e ao ampliar as fontes de informação, explica e facilita a compreensão. Ou seja, ele norteia e apoia constituindo assim sua forma de ensinar. (SOARES, 2017 apud FARIAS, 2020, p.114).

A mudança na maneira de conduzir as aulas levou o educador não apenas pensar a respeito do ensino de conteúdos, mas, principalmente, a forma como coordenar o processo de aprendizagem, trazendo também diferentes demandas quanto ao compartilhamento dos conteúdos e tipo de avaliação e realização de feedback. Embora seja verdade que a internet é uma ferramenta que proporciona encontrar uma variedade de conteúdos e vídeos referentes a toda área de conhecimento, o professor necessita ainda de adaptar sua aula para que esteja de acordo com as características de cada turma, tornando assim mais viável o desenvolvimento da aprendizagem.

É importante ressaltar que mesmo diante de um cenário conflituoso e desafiante, com a diligência do profissional da educação e ciente de seu papel, torna-se possível que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma eficiente e promissora.

3.4 O ensino remoto na rede pública

Assim como trata o art. 22 da lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”

Entendemos, assim, que o papel da escola é principalmente desenvolvimento habilidades físicas e cognitivas, além de tornar o aluno um agente social e atuante na democracia. Entretanto, o desfecho da pandemia da COVID-19 elucidou algumas questões que dificultaram o processo de ensino aprendizagem.

Sabemos que a maior parte dos alunos matriculados em escolas públicas são de baixa renda e que não possuem ferramentas ou acesso a internet inviabilizando o

acompanhamento das aulas remotas. Embora o ensino remoto apresente suas vantagens especialmente em um período pandêmico, é necessário também esclarecer que principalmente nas escolas públicas o desenvolvimento dessa modalidade teve dificuldades ainda maiores.

Observando todo o cenário foi necessário buscar uma saída objetivando alcançar às crianças que tinham pouco ou nenhum acesso a internet. Assim, a distribuição de atividades impressas tornou-se uma alternativa viável. Outro fator importante é revelado por uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) juntamente com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal em duas cidades – uma no sudeste e outra no nordeste, mostram que para 78% dos professores entrevistados as crianças têm expressão oral e corporal afetadas durante a pandemia.

É evidente os impactos que vieram atingir a educação no Brasil, problemas como o aumento na evasão escolar, no desenvolvimento social e a baixa participação nas aulas remotas também podem ser observadas na fala dos professores. Todas essas questões nos fazem refletir acerca das políticas educacionais em detrimento a desigualdade social que permeia o país. Desta forma Cunha, Silva e Silva afirmam que:

O Ensino Remoto Emergencial, implantado às pressas e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras ou das reais condições de efetivação, revelou o quanto os projetos e/ou as políticas educacionais precisam ser melhor planejadas e implantadas baseadas nos indicadores sociais, seja de nível nacional ou dos micro contextos escolares, a fim de evitar o aprofundamento das desigualdades já existentes no país. (CUNHA, SILVA, SILVA, 2020, p. 36).

Mediante as circunstâncias desafiadoras de um cenário pandêmico, compreendemos que o professor tem desenvolvido um trabalho árduo, o qual busca diariamente meios e estratégia para a construção da aprendizagem.

4 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - PLANEJAMENTO E REGÊNCIA

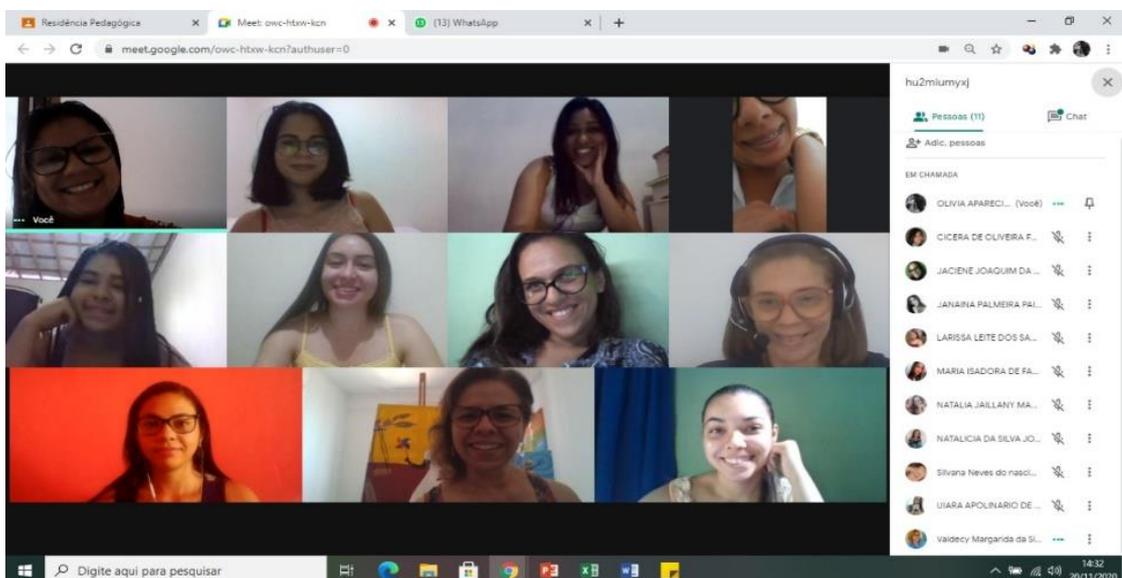
Neste tópico passamos a relatar a experiência com o planejamento e regência vivenciados no PRP. É necessário compreender a importância de planejar as ações no campo educacional. Nesta perspectiva, Libâneo destaca que:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógico, tendo como referência permanente as situações didáticas concretas, isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino. (LIBÂNEO, 1992, p. 222)

No que diz respeito à formação, no dia 01 de outubro de 2020 ocorreu o primeiro encontro remoto da Residência, contando com a presença de todas bolsistas, preceptora, coordenadora de área e a coordenadora geral. Este primeiro encontro aconteceu com o objetivo de organizar as bolsistas por escola, esclarecer dúvidas a respeito do funcionamento do subproduto e proporcionar o primeiro contato com as preceptoras.

Toda a trajetória de trabalho e desenvolvimento do planejamento para as semanas de regência pudemos participar de formações via Meet e lives via Instagram que foram indispensáveis para nosso conhecimento, principalmente durante o processo de elaboração do plano de ação e das atividades (Foto 1).

Foto 1 - Encontro remoto para formação e planejamento



Fonte: Arquivo pessoal

Ainda em outubro de 2020 teve início os encontros de formação do subprojeto que ocorrem semanalmente às sextas-feiras. Neste mesmo encontro discutimos sobre o papel da Residência, tomamos conhecimentos dos ambientes da escola, salas, biblioteca, refeitório, sobre a estrutura da escola e ainda discutimos a respeito das nossas leituras durante a formação. Autores como Magda Soares, Arthur Gomes de Moraes, Emília Ferreira e Leda Tfouni fundamentaram os estudos no período de formação. Em 06 de novembro de 2020 fizemos breves comentários acerca da alfabetização e letramento, trazendo as contribuições de Magda Soares para esse campo da educação.

Posteriormente, retomamos a discussão sobre alfabetização e em seguida tivemos a oportunidade de fomentar o debate de acordo com entrevistas e vídeos que foram assistidos durante a semana. Em seguida, pudemos continuar com uma convidada, a professora Cristina Sales (Universidade Estadual da Paraíba) que trouxe o tema a psicogênese da língua escrita.

Na semana seguinte, houve o primeiro encontro de planejamento com a preceptora. Neste momento, pudemos tirar dúvidas e recebemos orientações sobre o desenvolvimento de nosso trabalho na turma.

Alguns encontros com a coordenadora de área e com a preceptora foram para buscarmos estratégias de aproximação com os alunos nessa modalidade de ensino. Ainda neste encontro, conversamos sobre a necessidade de construirmos um plano de ação. Já em outro momento, tivemos a oportunidade de tratar a questão da psicogênese da língua escrita, fazendo relação com as estratégias que deveríamos tomar para a regência. Na reunião seguinte foram discutidos assuntos como estratégias de escrita e de leitura com os alunos.

Através dos textos estudados e discutidos, a cada encontro foi possível construir uma concepção determinante da importância que a alfabetização e o letramento vêm desempenhando no processo escolar de cada indivíduo. Segundo Costa Val (2006, p.19) “noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita”.

Já o letramento é o desenvolvimento competente da leitura e da escrita em práticas sociais, (SOARES, 2009, p.19). Assim, o trabalho inicial com os alunos foi realizado com o objetivo de incentivar a leitura, melhorar a escrita e o letramento

através de textos, diálogos a respeito de vídeos, de contação de histórias e de conversas informais sobre as atividades realizadas.

O texto da Costa Val, “O que é ser alfabetizado e letrado?”, foi tema da discussão em outro momento de encontro virtual. Também marcamos momentos para discutir o andamento com os alunos, dialogar acerca das dificuldades identificadas em cada criança e para conversar sobre questões referentes ao relatório da Residência Pedagógica.

Com o objetivo de orientar e tirar as dúvidas acerca da elaboração do relatório da residência foi realizado uma reunião com o objetivo de se discutir sobre as possibilidades de temas do plano de aula para as semanas de regência.

Na semana seguinte, compreendendo a importância dos direcionamentos dos documentos para formação de um professor, discutimos em encontro via Meet a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, 2017. Os encontros semanais que vieram adiante trataram da questão do planejamento das aulas para duas semanas de regência.

Além das reuniões que ocorrem semanalmente, também acompanhamos lives com assuntos pertinentes para o nosso desenvolvimento no trabalho realizado enquanto residentes do Curso de Pedagogia. Live I: A Importância da Leitura no Processo de Alfabetização – Profa. Dra. Socorro Moura Montenegro; Live II: O Eixo Oralidade da BNCC: as interpretações discursivas na alfabetização – Profa. Dra. Roziane Marinho Ribeiro; Live III: Direitos Humanos e as Questões Étnico-Raciais: uma luta em movimentos – Profa. Dra. Cristiane Nepomuceno; Live IV: A Educação e as Questões Étnico-Raciais: perspectivas e desafios – Moisés Alves, coordenador do Movimento Negro aqui da cidade de Campina Grande/PB.

Ensino de Matemática nos Anos Iniciais; O Ensino de Ciências nos Anos Iniciais; Reflexões sobre os Métodos de Ensino foram alguns dos temas discutidos nas formações e que se mostraram de suma importância para melhor elaboração do plano de ação.

Logo após a volta do recesso das atividades da residência, a partir do dia 25 de fevereiro, demos início às discussões acerca da construção do planejamento para a regência. O planejamento foi construído coletivamente através da plataforma Google Documentos, onde todas nós residentes pudemos participar de forma simultânea.

Em cada módulo, o plano de ação foi direcionado para duas semanas de aula, 10 dias, no qual nós alunas participantes da residência ficamos responsáveis pelo

planejamento, elaboração de atividades e regência. Nessa última tarefa nos responsabilizamos por postar as atividades e sala ou no grupo do WhatsApp e explicar o conteúdo aos alunos. Isto em duplas e em trio.

As duas primeiras semanas de aulas foram de revisão. Assim, foi realizado o planejamento e atividades com base nos conteúdos do 4º ano que foram disponibilizados pela preceptora. Pensando pelas dificuldades que surgiram no âmbito educacional no período pandêmico, os residentes, juntamente com as preceptora e a coordenadora da Residência, montaram um cronograma de disciplinas (Tabela 1), chegando à conclusão de que a elaboração das atividades a serem aplicadas, deveria ser voltada para temas que pudessem ser algo mais atrativo e com isso teríamos maior participação dos alunos.

Tabela 1 – Roteiro semanal

ROTEIRO SEMANAL DE ATIVIDADES REMOTAS ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS 5º ANO - PROFESSORAS ANDRÉIA E SILVANA				
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Língua portuguesa Matemática	História Ciência Ed. Física	Língua portuguesa Matemática	Geografia Ed. Física	Língua portuguesa Matemática Arte

Fonte: Elaborada pela equipe da residência pedagógica.

Após o planejamento realizado com o acompanhamento da Docente Orientadora do Subprojeto, as atividades eram enviadas para a avaliação da preceptora e posteriormente para a direção da escola Roberto Simonsen. Com a aprovação das duas semanas planejadas, enviávamos as atividades via Whatsapp, de acordo com a programação de aula de cada dia.

Em uma atividade de artes propusemos que os alunos pudessem conhecer um pouco mais a respeito do artista plástico Alfredo Volpi posteriormente foi proposto que eles realizassem uma releitura de alguma obra dos quadrinhos desse artista (Foto 2).

Foto 2 – Releitura da obra dos quadrinhos de Alfredo Volpi



Fonte: Arquivo pessoal

Em outro momento, na aula de ciências, com o objetivo despertar a curiosidade e a investigação através da observação, solicitamos que as crianças realizassem o experimento do Milho Dançante (Foto 3), onde ocorre uma reação química em função do bicarbonato e do vinagre.

Foto 3 – Experimento do milho dançante



Fonte: Arquivo pessoal

É importante elucidar que a avaliação levada em consideração foi à avaliação contínua, pois só assim pudemos traçar estratégias e contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem

4.1 As interações com os alunos

A nossa interação com os alunos começaram a partir do dia 25 de novembro ainda do ano 2020. Cada residente adotou uma criança, a qual deveria acompanhar e identificar as dificuldades para traçar um plano estratégico de acompanhamento individual.

Arthur Gomes de Moraes (2005) traz questões pertinentes acerca da alfabetização partindo da concepção de alfabetizar letrando e elucida a importância de buscar metodologias de ensino que não sejam tradicionais. Assim, foi possível compreender que diante de todos desafios impostos pelo contexto atual foi necessário a busca de estratégias para alcançar o aluno.

Através do WhatsApp, conversamos com os alunos a respeito de leituras, de suas dificuldades e do que mais gostavam de fazer na escola. A partir das conversas iniciais começamos a ter encontros semanais. Esses encontros se tratavam mais de uma aproximação. No entanto, também ficamos disponíveis para tirar dúvidas sobre as atividades, enviamos leituras e conversávamos sobre essas leituras.

Janete Pelú (2020) destaca que o ensino remoto tem acesso limitado e é isso que dificulta o processo de aprendizagem. De acordo com a autora:

Na maioria dos sistemas de ensino no Brasil as aulas estão acontecendo de maneira remota, por meio de diferentes plataformas digitais. No entanto, nem todos os alunos têm acesso às tecnologias e à internet para poderem se conectar às escolas, aos professores e dar continuidade aos seus estudos. Para os que não têm acesso, geralmente as escolas fornecem material impresso [...]. (PELÚ, 2020, p.94)

Infelizmente, o contato com o aluno nem sempre foi possível. Estamos inseridas em escolas públicas municipais que nos trazem uma realidade que não contribui para que haja um equipamento ou internet disponível para o aluno. A dificuldade de manter contato com o aluno se dava pela falta de equipamentos como celular, computador, tablet, disponível para aula, ou pelo fato do equipamento ser do

adulto responsável. Nessa perspectiva, os horários de encontro com o aluno tinham sempre que ser ajustados de acordo com a disponibilidade do equipamento.

A turma de 4º ano do ensino fundamental I da Escola Roberto Simonsen contava com 20 alunos matriculados. Todavia, apenas 8 participavam com mais frequência das atividades, davam retorno e tiravam suas dúvidas. O trabalho inicial das residentes também estava pautado na busca para conquistar os alunos e fazer com que estes dessem mais retorno nos exercícios, grande desafio pela falta de equipamentos disponíveis para esses retornos.

Durante todo o período de participação da Residência Pedagógica na Escola Roberto Simonsen é possível observar e concluir que o ensino remoto em escolas públicas causa exclusão, pois a falta de equipamentos e de internet para o acompanhamento de aulas se torna um problema que não pode ser ignorado pelo poder público. Para minimizar essa exclusão, as instituições educacionais têm disponibilizado as atividades impressas para os alunos.

É importante, também, elucidar que em relação ao ano anterior a interação dos alunos foi maior e mais frequente. No ano de 2020 estavam matriculados na turma do 4º ano 22 alunos e apenas 8 participavam das atividades e davam retorno. No entanto, isto não acontecia com frequência. Já no ano de 2021 estão matriculados 22 alunos na turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, contando com a participação diária de 12 a 15 alunos. Assim, foi possível observar que o subprojeto tem apresentado resultados positivos quanto ao número de estudantes participantes das atividades remotas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Residência Pedagógica nesse contexto da pandemia veio com muitos desafios, pois tivemos que lidar com situações que não tinham sido vivenciadas até então. Cada passo até chegar ao final da RP foi uma conquista. Desde o momento em que conseguimos estar presente nas reuniões, a elaboração do plano de ação até o contato com os alunos. Busquei na Residência uma experiência que pudesse agregar a minha formação e que me fizesse vivenciar a sala de aula e os desafios próprios da educação pública. No entanto, encontrei mais do que esperava, aprendi bem mais do que ensinei.

Durante a trajetória desse projeto nos deparamos com situações que a maioria dos professores do país tem vivenciado atualmente. Problemas com internet, alunos com pouco ou nenhum acesso a internet e/ ou celular, pouca participação e baixa devolutiva nas atividades.

Foi diante desse cenário, na Residência Pedagógica, que pude refletir e me sentir preparada para enfrentar as adversidades do ensino no Brasil. Toda participação nesse projeto tem contribuído fortemente para nossa melhor formação acadêmica. Esta experiência tornou possível compreender a educação de forma diferente, me motivando a continuar buscando e acreditando que este é o caminho para o futuro. Assim, ressalto a importância das experiências vivenciadas na Residência Pedagógica para formação de professores da Educação Básica.

A educação libertadora é uma educação conscientizadora e a Residência Pedagógica trouxe essa concepção de educação que liberta, que busca estratégias, que toma novos rumos no intuito de alcançar o sujeito protagonista da educação e transformar a sua realidade.

REFERÊNCIAS

- Borba, M. C. **Dimensões da Educação Matemática à distância**. In: M. A. V. Bicudo, & M. C. Borba. (Org.). Educação Matemática: pesquisa em movimento. São Paulo, Cortez, 2012.
- Borba, M. C., & Penteadó, M. G. **Informática e Educação Matemática**. 5ª ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.
- CUNHA, L. Ferreira Farias; SILVA, A de Souza; SILVA, A. Pereira: **O ensino remoto no Brasil em tempo de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso a educação**. Revista Com Censo, p. 27- 37, 2020.
- DAUARI, Lorraine. **Você sabe qual é o papel do professor na EAD?**. NERITEDUCA, 18 de out de 2017. Disponível em: <https://neriteduca.com.br/blog/papel-do-pro-fessor-no-ead>. Acesso em 17 de outubro de 2021.
- FARIAS, M. P. **O Professor no Ensino Remoto e suas Novas Atribuições**. In: JÚNIOR, Francisco P. De P. (org.). Ensino Remoto em Debate. Rfb Editora, 2020.
- FERREIRO, Emília. **Reflexão sobre alfabetização/ Emília Ferreiro**. 26ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: PAZ e TERRA, 1996.
- HACK, Josias Ricardo. **Tecnologias na educação**. Florianópolis, Edufsc, 2017.
- KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar?” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. São Paulo, Unicamp, p. 5-60, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas Exigências educacionais e profissão docente**. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIBÂNEO.J.C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4ª ed. Goiânia, Alternativa, 1992.
- MORAES, Artur G. de; ALBUQUERQUE, Eliana B. C. de; LEAL, Telma F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- MORTATTI, M. R. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo, Editora UNESP, 2019.
- PELÚ, Janete. (et al). **Desafios da Educação em Tempos de Pandemia**. Cruz Alta, Ilustração, 2020. In: Ensino remoto em debate [recurso digital] / Francisco Pessoa de Paiva Júnior (Organizador). – 1. Ed. – Belém: RFB Editora, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros / Magda Soares**. 3ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo, Contexto, 2016.

VAL, Maria G. C. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, Maria A.; MENDONÇA, Rosa H. (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.